

QUADRIMESTRAL | Setembro a Dezembro | 24

 **apiGRAF**

PREÇO 8,00€

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DAS
INDÚSTRIAS GRÁFICAS
DE EMALAGEM E DE
COMUNICAÇÃO DIGITAL

t&g

APIGRAF COMEMORA 50 ANOS

**LIVRO 170 ANOS
VENCE NOS PAPIES**

**JOÃO CALHEIROS E
FERNANDO SERÔDIO
EM ENTREVISTA**

ACABAMENTO
GRUPO UV

**#SOMOS
#TODOS
GRÁFICOS**

 **apiGRAF**

No. 288

A hand is shown splashing paint against a solid orange background. The hand is positioned in the center, with fingers slightly curled. It is splashing two colors of paint: a vibrant blue and a bright orange. The paint is captured in mid-air, creating dynamic, flowing shapes around the hand. The blue paint is more prominent on the left side of the hand, while the orange paint is on the right. The overall composition is energetic and visually striking.

JUNTOS CAUSAMOS BOA IMPRESSÃO

COMMUNICATING
TOGETHER



PARTICIPAÇÃO | INFORMAÇÃO | FORMAÇÃO

A APIGRAF – Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Embalagem e de Comunicação Digital foi fundada em 14 de dezembro de 1974, sendo a representante a nível nacional dos interesses destas indústrias. Representa um setor constituído por 2110 empresas, que empregam mais de 23.000 trabalhadores e têm um volume de negócios global de 2,2 mil milhões de Euros.

A APIGRAF desenvolve uma importante atividade de **informação, formação, representação, sensibilização e promoção** relativa às empresas associadas e ao setor, tão necessária quanto efetiva.



Contacte-nos:

218 491 020 | 222 003 939 | geral@apigraf.pt

WWW.APIGRAF.PT

SUMÁRIO

04
EDITORIAL
Lopes de Castro

06
ARTIGO CAPA
50 anos da Apigraf

20
AGENDA

22
ENTREVISTA
Fernando Seródio

28
EVENTO
170 ANOS

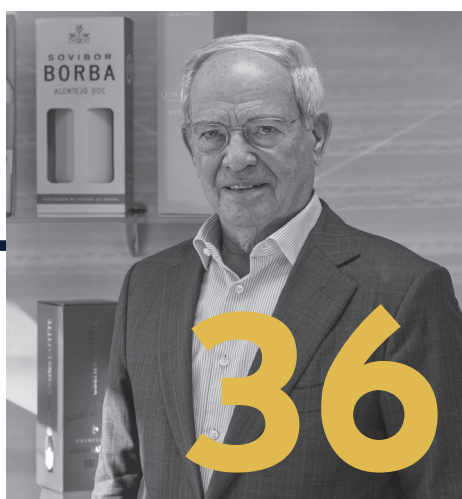
04



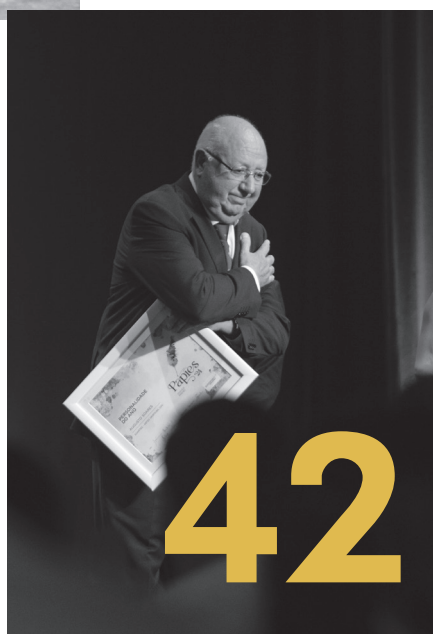
28

36
ENTREVISTA
João Calheiros42
PAPIES44
BARÓMETRO47
CONSELHO JURÍDICO
Entidades gestoras:
outra vez?

36



42



47



EDIÇÃO N.º 288 – SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2025

PERIODICIDADE: QUADRIMESTRAL

DIRETOR: Paulo Dourado

PREÇO: 8€. Distribuição gratuita aos associados da APIGRAF.

REDAÇÃO: Jorge Lopes, Paulo Dourado, Pedro Santos

FOTOGRAFIA: Pedro Santos; Rafael Antunes

NÚMERO DE REGISTO NA ERC 127 383 | PROPRIETÁRIO E EDITOR APIGRAF, Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de embalagem e de comunicação digital | NIPC 500 910 154 SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO Largo do Casal Vistoso, 2-D, Esc. D 1900-142 Lisboa | DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL Presidente - José Manuel Lopes de Castro / Tita Fernandes, Mário Gomes, José Paiva, Bruno Moluras, José Martins, Jaime Siopa, Sérgio Albuquerque | DEPÓSITO LEGAL 654/82 | TIRAGEM 1300 exemplares | PAGINAÇÃO BigUp Design Factory – BigUp Group | IMPRESSÃO E ACABAMENTO LouresGráfica - BigUp Group | SEDE Rua João Camilo Alves, N.º 6 - A, 2670-661 Bucelas | ACABAMENTO DA CAPA Grupo UV | PAPEL Soporset, fornecido pela The Navigator Company

Os artigos assinados expressam a opinião dos autores e não representam necessariamente a opinião da APIGRAF.

Estatuto Editorial disponível em www.apigraf.pt/estatuto-editorial

AMEAÇAS E OPORTUNIDADES

Estas duas palavras são o “T” e o “O” das análises SWOT (“Strenghts, Weaknesses, Opportunities, Threats”), algo que com maior ou menor estruturação e formalismo, todos fazemos regularmente na vida profissional e pessoal.

Vem isto a propósito do findar de mais um ano e do início de outro, um momento de ponderação do passado e do presente e de planeamento do futuro, processo para o qual a análise SWOT é muito útil. Requer, necessariamente, a identificação de tendências e condicionantes externas, para que percebamos qual o potencial de nos afetarem positiva ou negativamente.

O panorama político europeu e mundial está a mudar, com um renovado potencial de disrupção de consensos até agora assumidos. Entre outras áreas que poderão sofrer alterações de rota está a sustentabilidade, tema que deve necessariamente ser acompanhado de perto, bem como o proteccionismo interno (regional ou nacional), de consequências tão mais sensíveis quanto maior a relevância internacional do país. A nível europeu, a legislação comunitária tem impacto direto e indireto na nossa indústria. Em alguns casos influndo nas matérias primas que utilizamos: o exemplo maior é o do EUDR, regulamento anti-desflorestação, cujo impacto na disponibilidade e preço do papel ainda estamos a equacionar. Noutros, na configuração dos trabalhos a executar para clientes: o design que minimize e optimize o consumo de matéria necessária para o produzir e bem assim o resíduo gerado é já preocupação dos clientes. Noutros ainda, influndo na durabilidade e sustentabilidade das máquinas e equipamentos, que deverão ser cada vez mais “reparáveis”. Em geral, na necessidade de ter disponível múltipla e concreta informação relativa à cadeia de valor em que se trabalha, porquanto dados de fornecedores e clientes, ou melhor dizendo do que se obtém dos primeiros e se entrega aos segundos, serão de extrema utilidade no cumprimento de diversas obrigações legais, próprias ou da cadeia. A inteligência artificial, agora nos bolsos de todos nós, é já argumento de venda na indústria, com uma preocupação permanente de identificação de mais e mais áreas em que possa promover a qualidade, a produtividade e a inovação, bem como incrementar as possibilidades de automatização de procedimentos, tudo isto num universo em que a ciber-segurança será essencial. Todos estes fatores remetem também para a complexificação do trabalho de administração empresarial, e por essa e outras razões, para temas de consolidação, de que vamos



vendo exemplos práticos. Estas são apenas algumas das muitas notas necessárias para fazermos a nossa análise de ameaças e oportunidades para 2025.

A APIGRAF está, naturalmente, a preparar o seu Plano de Ação para 2025, no qual se inclui a realização de eleições para reconfiguração dos Órgãos Sociais, aprovada que está a revisão a publicação ds Estatutos. 2024 foi um ano desafiador mas que permitiu também comemorar o legado de uma indústria e de uma história associativa tão rica como a nossa. Disso mesmo se dá abundantemente conta nesta edição da t&g, com artigos dedicados à apresentação da obra “Os 170 anos de associativismo dos industriais gráficos” e evento comemorativo, entrevistas a dois elementos da história da associação e referência aos 50 anos da nossa atual configuração associativa, a APIGRAF. E porque é já em Março de 2025, chama-se igualmente a atenção para o Encontro APIGRAF, que este ano se realiza nos Açores, mais especificamente na Terceira com uma extensão a S. Miguel.

A todos quantos nos lêem, votos de um excelente futuro!

inkjet

toner



Duas tecnologias líderes Um parceiro

Uma história de 60 anos no desenvolvimento de toners, combinada com tecnologias de jato de tinta líderes do setor, significa que a Fujifilm é a única a conseguir oferecer o melhor dos dois mundos para a sua produção digital.

Descubra a diferença com a Fujifilm



FUJIFILM
Value from Innovation

INDUSTRIAS GRAFICAS
TRANSFORMADORAS DO PAPEL

50 ANOS DA CONSTITUIÇÃO DA APIGRAF, HERDEIRA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO DOS INDUSTRIAS GRÁFICOS

“Podemos dizer que esta Associação surge na hora própria. (...) Por isso temos todos nós o sentido das responsabilidades morais e materiais que pesam sobre nós e a consciência do papel que podemos e devemos desempenhar na conjuntura actual para fazer progredir um importante sector da vida económica portuguesa.”

Francisco Lyon de Castro



Eduardo Lourenço recebeu o Apígraf Prémio Prestígio em 2015

No dia 14 de dezembro de 1974, um sábado, realizava-se a primeira Assembleia Geral Eleitoral da então APIGTP – Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel, data esta que será considerada a da sua constituição¹.

A criação da APIGTP resultava, assim, da extinção dos organismos corporativos (Decreto-Lei n.º 443/74 de 12 de setembro) e, sobretudo, do estipulado no Decreto-Lei n.º 695/74 de 5 de dezembro que estabelecia o regime jurídico das associações patronais.

De qualquer modo, e no seguimento da revolução de Abril de 1974, os industriais gráficos e transformadores do papel logo encetaram esforços para se manterem unidos em torno de um organismo associativo patronal. Criaram, por isso, uma “Comissão de Evolução” do Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, originada numa reunião preparatória, ocorrida no dia 6 de maio de 1974. Integravam esta Comissão:

“Alberto Aço (“Aço (Irmãos), Lda.”), Alfredo Teodoro (“Liga dos Combatentes da Grande Guerra”), Dr. António Brás Monteiro (“Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SARL”), António Dias Pereira (“Oficina Gráfica, Lda.”), Augusto Esteves (“Printipo – Indústrias Gráficas, SARL”), Carlos Alberto Anjos (“Albano Tomás dos Anjos, Lda.”), César Castelão (“Tipografia ‘A Persistente’”) Durvalino Ribeiro Neto (“Durvalino Fernandes & Neves, Lda.”), Joaquim Ágoas (“Joaquim Alves d’Assis, Lda.”), Joaquim Maria dos Santos (“Tipografia Santos”), Luís Gris (“Tipografia Henry Gris, Lda.”) e Manuel Ferreira (Sociedade Tipográfica, Lda.)”².

¹ Data mencionada no artigo 3.º da alteração dos Estatutos da APIGTP publicada no B.T.E. – *Boletim de Trabalho e Emprego*, n.º 43 de 22 de novembro de 1978: “A Associação constituiu-se em 14 de dezembro de 1974, por tempo indeterminado”.

Do anterior artigo 3.º, dos Estatutos elaborados em dezembro de 1974, mas somente publicados em B.T.E. n.º 197 – III Série, de 27 de agosto de 1975, constava o seguinte: “A Associação constituiu-se por tempo indeterminado, que se contará a partir deste data”.

² In Revista T&G n.º 144, outubro de 2004, p. 42.



Poucos dias decorridos, essa “Comissão de Evolução” dará lugar a uma “Comissão Organizadora”. Na primeira reunião desta Comissão debateu-se, entretanto, o projeto dos Estatutos da futura Associação, do qual sairá uma primeira versão em brochura publicada em setembro de 1974.

Curiosamente, uns anos antes do 25 de Abril de 1974, já se havia projetado a fusão dos Grémios que estarão na origem da APIGTP, ou seja, o Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, o Grémio Nacional dos Industriais de Litografia e Rotogravura, bem como os Grémios dos Industriais de Cartonagens, Sobrescritos e Sacos de Papel do Norte e do Sul³.

A organização de uma grande reunião, no dia 13 de julho de 1974, no Teatro Monumental, em Lisboa, constituirá o momento mais marcante da intervenção da referida “Comissão Organizadora”. Esta reunião será amplamente noticiada, antes e depois da sua realização, na comunicação social da época, com expressivos títulos: “Sábado, no Monumental – Grande concentração de industriais de artes gráficas” (*Diário Popular*, 11.7.1974); “Entre a ruína e o êxito - A indústria gráfica a caminho da reestruturação” (*Diário de Lisboa*, de 11.7.1974); “Empresários gráficos e do papel analisam situação da indústria” (*A Capital*, 13.7.1974); “Reunião nacional dos industriais gráficos – O patronato progressivo tem de saber responder ao desafio que lhe é posto” (*Diário Popular*, 13.7.1974); “Novecentos industriais reunidos no Teatro Monumental – Foram definidos os princípios da Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel” (*Diário de Notícias*, de 15.7.1974); e “A indústria gráfica e transformadora do papel analisa o futuro” (*Diário de Lisboa*, 15.7.1974).

“Nos primeiros meses de existência da Associação, os seus dirigentes debatem, sobretudo, os muitos problemas que assolam as indústrias gráficas e transformadoras do papel, período histórico que culminará no chamado “Verão Quente de 1975”

A monumental e histórica reunião foi presidida por Brás Monteiro (Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SARL), tendo os trinta e quatro pontos das conclusões sido apresentados por Manuel Ferreira (Sociedade Tipográfica, Lda.)⁴. A título de curiosidade e como exemplo do que preocupava os industriais nesse tempo, citemos o ponto terceiro destas conclusões:

“3 – O princípio da propriedade privada tem de ser salvaguardado num sector, como o gráfico e transformador do papel, constituído essencialmente por pequenas e médias empresas em que, as mais das vezes, o industrial do momento presente era o operário de ontem”⁵.

3 Vd. Revista T&G n.º 143, setembro de 2004, p.24.

4 Vd. Revista T&G n.º 144, outubro de 2004, p. 43.

5 Revista T&G n.º 145, novembro de 2004, p. 27.

ANUÁRIO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS
E TRANSFORMADORAS DO PAPEL

“No ano seguinte, iniciou-se a publicação da revista T&G, um outro acontecimento de grande importância para a vida associativa.

A 14 de dezembro realizaram-se, então, como assinalámos, as primeiras eleições para os órgãos sociais da Associação e a 20 desse mês, a respetiva tomada de posse dos seus membros. Este elenco pioneiro tinha a seguinte constituição:

“Assembleia Geral, António Palouro (“Jornal do Fundão”); Luís Henry Gris (“Tipografia Henry Gris, Lda.”) e Dr. Carlos Neves (“Litografia União, Lda.”); Conselho Fiscal, César Castelão (“Tipografia A Persistente”), Alfredo Teodoro (“Liga dos Combatentes da Grande Guerra”), Alberto Campos Aço (“Aço (Irmãos), Lda.”) e Fernando Peres (“Manuel Peres Jr. & F^{os}”) e para a Direcção Central, Francisco Lyon de Castro (“Gráfica Europam”), Álvaro Ferreira (“Fotogravura Martins & Ferreira, Lda.”), Eduardo Gomes (“Tip. Gomes & Araújo, Lda.”), Lívio Rocha (“António Rodrigues da Rocha & Filho”), Dr. Vasco Teixeira (“Bloco Gráfico, Lda.”), Augusto Marques (“Marques & Neto, Lda.”), Dr. Paula Santos (“Atlântida Editora SARL”) e Álvaro Dias (“Armazéns de Papéis do Sado”)”⁶.

Na alocução, proferida na ocasião, o Presidente da Direcção Central, Francisco Lyon de Castro, destacava a importância da união entre todos os industriais e o muito que haveria a fazer em prol do setor e dos seus empresários. Isto sem deixar de sublinhar as responsabilidades do empresário gráfico e transformador do papel, numa exposição que ainda hoje se mantém perfeitamente atual e pertinente:

“Ao empresário de hoje exige-lhe o País que seja um cidadão consciente, um administrador rigoroso e um elemento dinâmico. Na medida do possível ele deve melhorar a sua empresa, grande ou pequena, criar as melhores condições de existência para os seus trabalhadores, administrar com eficácia e rigor o instrumento de riqueza de que é proprietário mas de que a sociedade beneficia. Isto é, tem o dever de tudo realizar para que a parcela de riqueza que a sua empresa representa se acrescente em cada dia, mercê da conjugação de uma hábil administração e do esforço de todos os que nela cooperam”⁷.

⁶ Revista T&G n.º 145, novembro de 2004, p. 27.

⁷ Páginas 3 e 4 de um datiloscrito de quatro páginas, com assinatura de Francisco Lyon de Castro na sua última página - espólio da APIGRAF.

Nos primeiros meses de existência da Associação, os seus dirigentes debatem, sobretudo, os muitos problemas que assolam as indústrias gráficas e transformadoras do papel, período histórico que culminará no chamado "Verão Quente de 1975", rico em tumultos e incertezas quanto ao rumo do país. Antes, no dia 6 de maio desse ano, "um grupo de industriais mandatados para negociar o «Caderno Reivindicativo», apresentado pelos Sindicatos, é sequestrado, durante 28 horas, no edifício do Ministério do Trabalho, em Lisboa"⁸.

De qualquer modo, em pleno PREC – Processo Revolucionário Em Curso, uma das principais preocupações dos empresários gráficos e transformadores do papel prendia-se com a proteção da propriedade privada – antes relevada nas conclusões da Grande Reunião do Teatro Monumental, em concreto a possibilidade de as empresas poderem vir a ser ocupadas pelos seus trabalhadores. O que aconteceu em algumas das associadas da APIGTP como resulta do exposto na ata n.º 5 de quatro de setembro de 1975 da sua Direção Regional:

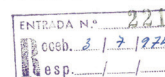
"Pelo sr. Jorge Guimarães foi analisada a situação das empresas gráficas que têm sido ocupadas pelo seu pessoal para a formação de cooperativas, nomeadamente a da Litografia Pátria, Adi – Manufatura de Brindes, Lda. e Norlim – Tipografia Encadernação José Fernandes Lima. Referiu o sr. Jorge Guimarães a reunião havida no dia anterior na Litografia Pátria com o pessoal dirigente da Cooperativa para efeitos de um inquérito solicitado pela Direcção-Central desta Associação, inquérito esse que será oportunamente enviado àquela Direcção, assim como os restantes inquéritos a efectuar em empresas que se encontrem em idêntica situação. Quanto à 'Norlim' foi resolvido mandar à Direcção-Central uma cópia da circular que aquela nossa associada remeteu a esta sobre a ocupação de que foi vítima"⁹.

Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel (Em Organização)

Sede provisória: Av. João Crisóstomo, 30-2.º D.

Telefs. 53 83 12 - 53 83 72

LISBOA-I



CIRCULAR N.º 7
LISBOA, 29/6/74

Estimado Coléga,

Ninguém pode ignorar, dentro da realidade actual, a necessidade cada vez maior de nos unirmos, de agir numa frente comum. Se unidos seremos uma força capaz de fazer face aos problemas das matérias-primas, dos mercados e da mão-de-obra. É ainda congregando esforços que poderemos chamar a atenção do Governo para os anseios reais da Classe e exigir-lhe uma posição justa no contexto económico nacional.

Pensamos realizar uma Grande Reunião de consciencialização dos Industriais Gráficos e Transformadores do Papel, para a qual pedimos já a presença de elementos do Governo Provisório, onde serão largamente analisados todos os problemas que afligem os nossos Sectores, com especial preocupação pelas pequenas e médias empresas.

No final desta reunião será elaborado um caderno reivindicativo da Indústria a entregar ao Governo.

Esta reunião que terá lugar em Lisboa, no Teatro Monumental (Praça do Duque de Saldanha), no próximo dia 13 de Julho de 1974, pelas dez horas, vai prolongar-se por todo o dia, com o seguinte programa:

- 10.00 h./13.00 h. — Reunião dos Industriais, para definição de princípios gerais.
- 15.00 h./18.30 h. — Continuação da Reunião com a presença de membros do Governo a quem se fará entrega do caderno reivindicativo da Indústria.

O êxito ou insucesso desta tarefa que nos propomos, depende em grande parte do calor e entusiasmo que todos nós depositarmos na sua realização.

Se estando todos presentes, mostrando ao Governo quantos somos, o que queremos e a nossa verdadeira união, poderemos ser bem sucedidos.

Apelamos, portanto, para o sentido de responsabilidade de todos os Industriais, que doravante não poderão mais optar por posições cómodas de «deixar andar» ou por absentismos de os outros que resolvam.

De forma a garantir na Grande Reunião a presença de todos os Industriais, organizamos os transportes que melhor poderão servir aos associados.

Por outro lado os serviços de Secretariado da Associação estão aptos a fazer quaisquer reservas em hotéis que nos sejam solicitadas.

No intuito de tornar a reunião tão proveitosa quanto possível, para além da grande manifestação de solidariedade que pretende ser, solicitamos ao Coléga que nos informe com a possível brevidade, se têm tido por parte do seu pessoal quaisquer pedidos de reivindicações e a forma como os resolveu, bem como quais os anseios e carências de interesse geral que tem vindo a sentir e pensa deverem ser do conhecimento do Governo.

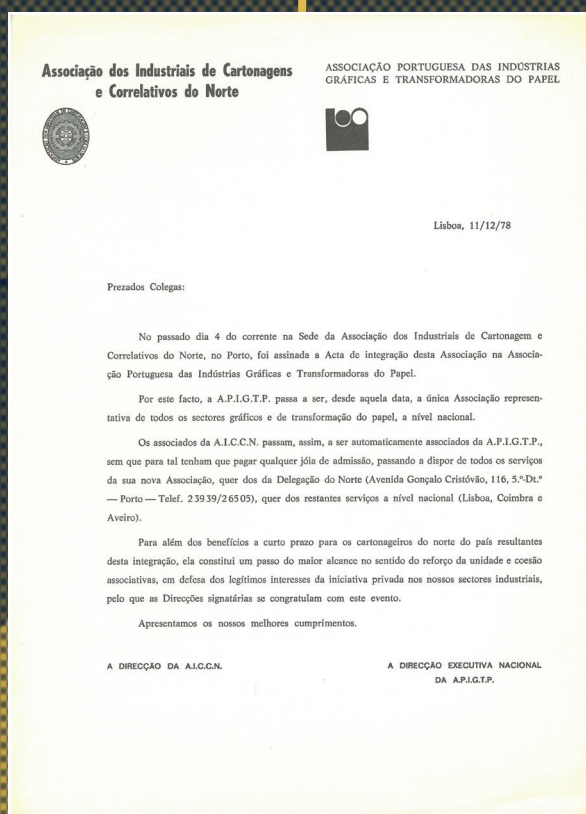
Em breve voltaremos à presença de V. Exa. com mais informações e incluindo já o programa detalhado e definitivo da Reunião (bem como dístico para o carro, cartões de ingresso na Reunião, bar e outras) e o horário dos transportes que lhe poderão eventualmente servir.

Certos da colaboração de V. Exa., apresentamos os nossos cumprimentos.

A COMISSÃO DIRECTIVA

⁸ Introdução ao programa do 1.º Congresso Nacional das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel, Figueira da Foz 12 e 13 de outubro de 1979 – espólio da APIGRAF.

⁹ Livro de Atas da Direcção Executiva da Região Norte 1975-1977, verso da p. 4 – espólio da APIGRAF.



Ainda a propósito de ocupações, a própria sede da Associação dos Industriais de Cartonagens e Correlativos do Norte, na Avenida dos Aliados, n.º 151, já havia sido ocupada por elementos da Direção do Sindicato dos Cartonageiros. Como se assinala no primeiro parágrafo do comunicado desta Associação, publicado no *Jornal de Notícias* de 18 de fevereiro de 1975: "Conforme é do conhecimento público, a Direcção do SINDICATO DOS CARTONAGEIROS assaltou, em 13 do corrente mês de Fevereiro, a sede da Associação, e ali se instalou, como em casa sua, na mais completa e surpreendente impunidade". E mais se acrescentava neste comunicado:

"Depois dessa criminoso violação dos direitos alheios, a Direcção do Sindicato, secundada por alguns asseclas, tem vindo a exercer coacção física e moral sobre os trabalhadores da indústria, obrigando-os a deixar os seus locais de trabalho, e arregimentando-os para junto daquelas instalações com o

manifesto objectivo de, por meio da violência e do escândalo, levarem a Associação a submeter-se à sua conduta."

Em resposta a este comunicado, o Sindicato precisava que, perante a falta de representatividade da Associação nas reuniões de revisão do contrato coletivo de trabalho para o setor, aquele decidiu "ocupar as instalações da Associação, e fizeram-no em plena luz do dia, não os cinco elementos da Direcção, mas cerca de 500 trabalhadores!"¹⁰.

Ora, este acontecimento inaudito, "conforme noticiava um matutino portuense, *durante muitos dias, foi presenciado por milhares e milhares de pessoas na Avenida dos Aliados, no Porto*"¹¹.

A mesma Associação dos Industriais de Cartonagens e Correlativos do Norte irá integrar-se, entretanto e a 4 de dezembro de 1978, na APIGTP:

"Tratou-se de um acontecimento da maior importância para os nossos sectores industriais, em especial para as pequenas empresas transformadoras de papel e cartão do Norte do País, que, assim, poderão encarar as ameaças que sobre eles pairam com mais confiança, já que passaram a estar apoiadas por uma Associação agora ainda mais reforçada."¹².

10. *Jornal de Notícias*, 20 de fevereiro de 1975, p. 10.

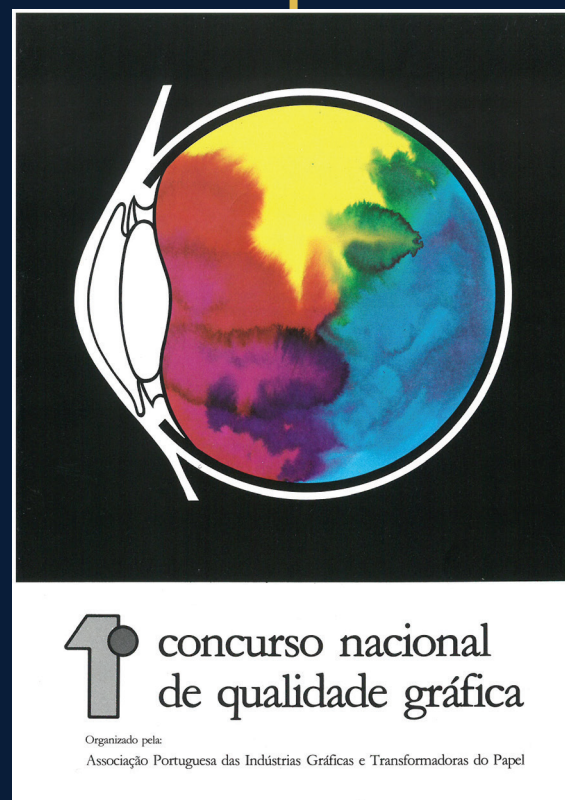
11. Revista T&G n.º 145, novembro de 2004, p. 29, itál. orig.

12. Revista T&G n.º 1, janeiro/março de 1979, p. 8.

No ano seguinte, inicia-se a publicação da revista *T&G*, um outro acontecimento de grande importância para a vida associativa. No editorial do seu número de estreia assinala-se um dos princípios basilares do associativismo empresarial:

“O mundo empresarial contemporâneo é cada vez mais interdependente, e os nossos sectores industriais não se podem furtar a esta realidade irrefutável. O individualismo não tem mais lugar... Esta publicação constitui apenas o lançamento da primeira pedra para as fundações dessa ‘ponte’ que nos propomos erguer entre todos. Mas ela só poderá ser solidamente construída se todos o quisermos...”¹³.

Os dias 12 e 13 de outubro de 1979 testemunham um outro momento relevante na vida associativa: a realização, na Figueira da Foz, do 1.º Congresso Nacional das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel. Já o 2.º Congresso ocorrerá entre 14 e 15 de maio de 1982, no Lisboa Penta Hotel, sob o lema “Somos a indústria das indústrias”, “expressão utilizada na Conferência Tripartida da OIT (Organização Internacional do Trabalho) realizada em Genebra, em Outubro de 1981, para simbolizar que as nossas indústrias estão ao serviço de todas as indústrias. E também do comércio, dos serviços, e das actividades agrícolas, pecuárias e da pesca, etc.”¹⁴.

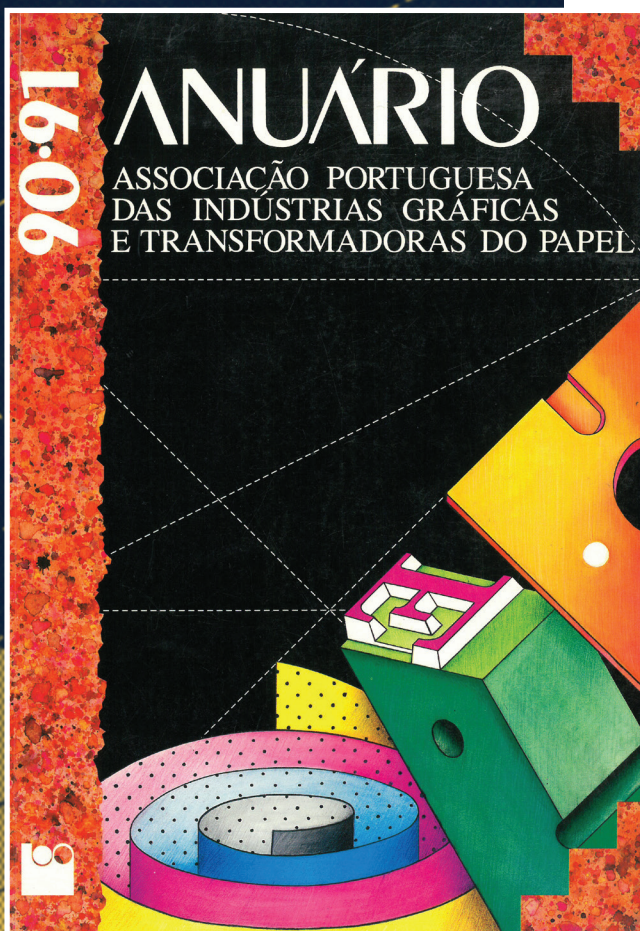


Em 1984, a Associação organiza o 1.º Concurso Nacional de Qualidade Gráfica, a que podiam concorrer “trabalhos concebidos ou produzidos em Portugal em 1982 e 1983, por qualquer empresa associada”, como se lê no Regulamento. Resultado deste concurso, realiza-se igualmente uma Exposição no Palácio Foz, em Lisboa, patente ao público de 9 a 20 de março. Das empresas associadas no ativo, com trabalhos expostos, destacam-se a Bloco Gráfico, Lda., a Bulhosas (Irmãos) e a Gráfica Maiadouro.

Ainda nos anos oitenta, a Associação procede à aquisição das instalações da atual Sede, em Lisboa, ao Largo do Casal Vistoso. Na década seguinte, será a vez de adquirir as instalações, originalmente arrendadas pelo Grémio Nacional dos Industriais de Litografia e Rotogravura, da sua Delegação Norte, no Porto, à Rua Gonçalo Cristóvão.

13 Revista *T&G* n.º 1, janeiro/março de 1979, p. 7.

14 Revista *T&G* n.º 13, janeiro/março de 1982, p.7.



“O final de 2000 traz uma nova imagem da revista T&G, cujo grafismo se mantinha inalterado desde o número inicial”



t&g

artigo de capa



O ano de 1990 assinala mais uma relevante iniciativa da Associação – a publicação do *Anuário 1990/91* de associados, anunciado como o mais “completo guia” do setor. Alguns anos decorridos, mais especificamente em “1996, sob a direção de Durvalino Neto a Associação dava início a uma série de encontros anuais ao nível nacional. (...). Estes encontros repetem-se anualmente junto dos associados de todas as regiões, desde Bragança até aos Açores, subordinados a temas específicos, e os seus principais objetivos são a aproximação, a comunicação e a consolidação do espírito associativo”¹⁵.

O final de 2000 traz uma nova imagem da revista T&G, cujo grafismo se mantinha inalterado desde o número inicial. Na ocasião, Durvalino Neto destacou o fechar de um ciclo da mais antiga publicação do setor, dando, assim, início a um novo ciclo de vida. Também a encerrar este ano, a Associação passou a ter uma nova denominação, com uma nova e mais funcional sigla, APIGRAF, alterações plasmadas na respetiva alteração estatutária¹⁶ o que deu lugar à substituição do logótipo que se mantinha desde 1974, por um outro, da autoria dos criativos da Euro RSCG, que “reúne as cores institucionais azul e laranja, numa simbologia que pretende reflectir a ligação entre todos os agentes da indústria gráfica, de comunicação visual e transformadora do papel”¹⁷.

No Encontro de Évora, realizado em outubro de 2005, a APIGRAF apresentava o programa ambigraf, iniciativa que permitia às empresas associadas uma redução dos custos com o cumprimento da legislação ambien-

tal, atendendo às parcerias estabelecidas com diferentes empresas prestadoras de serviços na área. Assente em três grandes tópicos, Diagnosticar (realização de auditorias), Resolver (disponibilização de soluções em todas as áreas – recolha de resíduos, medições de ruído, emissões gasosas e efluentes líquidos) e Evidenciar (certificado de conformidade com a legislação ambiental), o programa ambigraf posicionava, desta forma, o setor como uma indústria ativamente sensibilizada para a sustentabilidade ambiental.

Quase uma década decorrida, mais concretamente em 2014, e fruto da aprovação de uma candidatura, apresentada pela APIGRAF ao COMPETE, no âmbito do Programa Operacional, Fatores de Competitividade do SIAC – Sistema de Apoio a Ações Coletivas, é publicado o *Estudo Estratégico e de Inovação do Setor das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel*, elaborado pela Augusto Mateus & Associados, e são criados os galardões APP - APIGRAF Prémio Prestígio e Prémio Inovação, atribuídos, nesse ano, respetivamente a Francisco Pinto Balsemão e à RENOVA, em cerimónias que contaram com mais de duas centenas de participantes. O APP – que distingue uma personalidade com um percurso relevante em áreas relacionadas com o setor – será ainda entregue, em 2015, a Eduardo Lourenço, em 2017, a Elvira Fortunato, em 2020, a José Pacheco Pereira e, no ano de 2024, a António Saraiva. Já o Prémio Inovação, será recebido, em 2015, pela Navigator, enquanto a Bulhosas (Irmãos), S.A., será a escolhida em 2019, e a INCM – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, em 2022.

15 170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos, I Vol., Cláudia Figueiredo, Lisboa, APIGRAF, 2023, p. 366.

16 Alteração publicada no B.T.E. n.º 22, de 15 de junho de 2001

17 Revista T&G n. 103, janeiro 2001, p. 7,



De 2015 em diante serão criados os Prémios Excelência Empresarial, atribuídos a várias empresas de diferentes categorias, numa cerimónia apoiada pela Navigator e que tem contado, todos os anos, com cerca de uma centena de participantes.

Numa iniciativa que visa “a validade e aplicação prática dos conhecimentos proporcionados pelo ensino”, bem como ‘estimular e fomentar a aproximação Escola / Empresas / Comunidade’, como se lê no seu Regulamento, a APIGRAF lançou em 2016 um concurso de postais de Natal dirigido aos alunos das escolas secundárias e politécnicas com cursos de artes gráficas¹⁸. Ainda no que diz respeito a atividades da APIGRAF destinadas a promover o setor das artes e indústrias gráficas, realce-se o projeto *Print Your Future*, criado pela INTERGRAF, e posto em prática entre fevereiro de 2020 e janeiro de 2022, que teve a participação ativa da APIGRAF, desde a primeira hora e enquanto representante do nosso país. Deste modo, organizou um *Young Workers Day*, no dia 1 de junho de 2021, em modo virtual, o qual contou com protagonistas de diferentes áreas como oradores e a presença de “cerca de duzentos participantes, a maioria constituída pelos alunos e professores de dez estabelecimentos de ensino, a que se juntaram empresas associadas e representantes de outras empresas e instituições”¹⁹. Na ocasião, o Presidente da APIGRAF, Lopes de Castro, “salientou que as indústrias gráficas têm de ‘comunicar de uma forma diferente e reforçar a sua imagem’”²⁰ junto dos jovens e da comunidade em geral. O projeto *Print Your Future* editou, entretanto, uma útil brochura, intitulada *Como Encontrar, Atrair e Reter a Próxima Geração – Manual de Boas Práticas para a Indústria Gráfica*, que a APIGRAF traduziu para língua portuguesa e fez a distribuição por todos os seus associados.

18 170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos, I Vol., Cláudia Figueiredo, Lisboa, APIGRAF, 2023, p. 366.

19 Revista T&G n.º 274, maio e junho de 2021, p. 12.

20 *ibidem*.

Precisamente em 2020, surgia a pandemia da COVID-19, com um número trágico de mortes e insólitas imagens de confinamento mundial. Nesse período difícil para as empresas, a APIGRAF manteve uma presença constante junto das suas associadas, prestando um número inusitado de informações telefónicas e escritas, nomeadamente boletins informativos de índole jurídica, atendendo à profusão de diplomas legais que foram publicados pelas entidades governativas para dar resposta aos efeitos negativos da COVID-19. Ora, como se lê no seu Relatório e Contas desse ano de 2020:

“Os serviços reorganizaram-se, priorizando atividades destinadas a suprir as necessidades mais prementes dos associados, nomeadamente informação, rede e energia, e adiando até melhor momento as que não se enquadrassem nesse perfil. Foi delineada uma estratégia de comunicação, em duas frentes: próxima e assídua com as empresas associadas, por vezes de forma diária, e desenvolvida uma campanha externa que pretendeu realçar a essencialidade das indústrias representadas, num momento de grande incerteza quanto à definição dos setores considerados fundamentais para poderem continuar a ter atividade aberta.”

Em Editorial da *T&G* n.º 267, de janeiro a abril de 2020, dedicada aos primeiros meses da pandemia, o Presidente da APIGRAF, Lopes de Castro, manifestava, de forma assertiva, o relevante trabalho desenvolvido pela APIGRAF e a consequente importância do associativismo em momentos como aqueles que estavam a ser vividos por todos. E concluía, congratulando-se pela

resiliência demonstrada pelos empresários gráficos e transformadores do papel ao longo daqueles primeiros meses e, acrescentamos nós, ao longo de todo o período pandémico.

O ano de 2022 marca o início de uma data relevante para o associativismo gráfico e, consequentemente, para a APIGRAF, pois será o ano em que enceta as comemorações dos 170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos. Nascido em 1852 com a constituição, em janeiro desse ano, da Sociedade de Socorros dos Tipógrafos Portuenses e, em julho do mesmo ano, da Associação Tipográfica Lisbonense, este movimento, de carácter misto, pois admitia trabalhadores e donos de oficinas, teve enorme impacto na defesa do setor gráfico da segunda metade do século XIX. Na realidade, apesar de estarem em minoria, os proprietários fizeram valer as suas reivindicações em prol do setor através destas Associações. Um bom exemplo disso é a mobilização da Associação Tipográfica Lisbonense sobre as pautas alfandegárias, em concreto, o “imposto cobrado sobre a entrada em Portugal de papel de impressão estrangeiro”²¹. Ora, como observa Cláudia Figueiredo:

“Esta primeira iniciativa prenunciava a crescente influência que os proprietários de oficina tiveram na agenda da Associação Tipográfica Lisbonense, a que não terá sido alheia a trajetória pessoal e as motivações empresariais de alguns elementos fundadores, como Tomás Quintino Antunes, que no início da década de 1860 se tornou proprietário da Tipografia Universal, onde exercia o cargo de diretor.”²².

COMO ENCONTRAR, ATRAIR E RETER A PRÓXIMA GERAÇÃO

21. *170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos*, I Vol., Cláudia Figueiredo, Lisboa, APIGRAF, 2023, p. 88-89.

22. *Idem*, p. 89.

Para celebrar os 170 anos do movimento associativo dos industriais gráficos, a APIGRAF contratou os serviços do IHC – Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova, após consulta das propostas recebidas, para a elaboração de um livro, em dois volumes, intitulado *170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos*, que desse a conhecer, num primeiro volume, a história deste movimento ao longo das suas dezasseite décadas, desde as referidas associações mutualistas até à atual APIGRAF, passando pelas primeiras associações exclusivamente empresariais, nascidas com a I República que, com o corporativismo do Estado Novo, passaram a estar representadas nos diferentes Grémios (Gráficos, Litógrafos e de Cartonagem), os quais, por sua vez, e com a sua extinção, resultado da revolução de Abril de 1974, deram origem à APIGRAF. Enquanto o segundo volume, além de historiar a evolução dos nossos setores e seus produtos, desde Gutenberg até à atualidade, demonstrava a pujança das artes e indústrias gráficas e a sua presença constante, mas tantas vezes *invisível*, em todas as atividades económicas, sociais e culturais, sendo, por isso, justamente considerada “a indústria das indústrias”.

A investigadora do IHC, Cláudia Figueiredo, escreveu o primeiro volume, bem como o ensaio inicial do segundo, “Os mundos da indústria gráfica e transformadora do papel: contributos para uma história”. Este segundo volume vem ainda acompanhado de um magnífico ensaio fotográfico de Paulo Catrica, além do estudo de Jaume Casals, “Perspetiva a 10 anos (2024-2033) do futuro da indústria gráfica” e de um glossário, revisito por Miguel Sanches, docente do IPT – Instituto Português de Tomar.

Podemos, deste modo, afirmar e sublinhar “que estamos, inegavelmente, perante uma esplendorosa edição que muito dignifica o setor gráfico e transformador do papel, testemunhando o seu prestígio nas sociedades contemporâneas e apontando caminhos para a continuidade da sua relevância no futuro”²³.

O livro, sofreu, todavia, alguns atrasos na sua escrita – em parte devido ao manancial de documentos existente no espólio dos diferentes Grémios, à guarda da APIGRAF –, pelo que só veio a ser apresentado no

Encontro da APIGRAF de 2024, em Braga.

Estas Comemorações dos 170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos, que mereceram o Alto Patrocínio de sua Excelência o Presidente da República, iniciaram-se, como referimos, em 2022, com um encontro, organizado pelo IHC, com o apoio da APIGRAF, realizado nos dias 15 e 16 de novembro, na Biblioteca Nacional, sobre “As indústrias gráficas no Portugal contemporâneo”. Este Encontro contou com a presença de reputados oradores que debateram, em diferentes painéis, relevantes temas, não só para a investigação académica, mas também para os setores representados pela APIGRAF, sendo igualmente um testemunho do diálogo que os nossos setores podem estabelecer com o mundo académico.

Diálogo com o mundo académico a que a APIGRAF deu seguimento, ainda no âmbito destas Comemorações, ao organizar, com a FBAUP – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, uma Exposição que assinalou, não apenas a memória histórica institucional da APIGRAF, mas sobretudo “o protagonismo e a importância que as artes e indústrias gráficas detêm na atualidade ao serviço das pessoas e das empresas, enquanto suporte essencial para a informação, comunicação, conforto e bem-estar de uma sociedade desenvolvida”²⁴. A Exposição, intitulada “Impressões no Quotidiano – Artefactos e Processos da Indústria Gráfica” esteve patente no Pavilhão de Exposições da FBAUP e foi inaugurada, no dia 20 de outubro de 2023, pela Diretora da FBAUP, Lúcia Matos, e o Presidente da APIGRAF, Lopes de Castro, tendo contado com a presença do Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira. A esta inauguração assistiram mais de uma centena de pessoas e, até ser encerrada, no dia 18 de novembro de 2023, visitaram-na centenas de alunos de cursos ligados aos nossos setores de Escolas do distrito do Porto, bem como representantes de empresas associadas e outro público interessado.

Em 2024, além das muitas atividades associativas, plasmadas no plano de ação para este ano, destacam-se a publicação de *O Setor em Números – Indústria Gráfica e Transformadora do Papel 2023*, um documento produzido pela equipa técnica da ImproveConsult, e a revisão estatutária²⁵ que procedeu à alteração da de-

23 Revista T&G n.º 286, janeiro a abril 2024, p.22.

24 Folha de Sala da Exposição “Impressões no Quotidiano – Artefactos e Processos da Indústria Gráfica”

25 Boletim de Trabalho e Emprego n.º 21, de 8 de junho de 2024..

nominação social da Associação que passa doravante a denominar-se APIGRAF – Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Embalagem e de Comunicação Digital. A encerrar o ano, a APIGRAF apresentou, no dia 5 de dezembro, no Hotel Intercontinental, o livro, atrás referido, *170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos*.

Diremos, em conclusão, que temos a perfeita consciência de que este não é, nem poderia ser, um trabalho exaustivo sobre a história da APIGRAF nos últimos cinquenta anos. Muito ficou, pois, por assinalar, sobretudo em relação ao imprescindível papel representado por centenas de elementos dos órgãos sociais da APIGRAF, ao longo destas cinco décadas, os quais mereceriam, com as respetivas empresas, ser nomeados um a um. Terminemos, assim, com as palavras de esperança e confiança do Presidente da Direção em exercício, Lopes de Castro, no futuro do setor das artes e indústrias gráficas e no movimento associativo, iniciado há mais de dezassete décadas, como vimos, palavras esculpidas no final da Nota da Editora que abre o I volume do livro *170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos*:

“gostaríamos de realçar que renovamos a esperança no futuro deste movimento associativo, pois não esmorecerá, estamos certos, a dedicação e devoção dos seus empresários e colegas às causas destes setores, pelo que também nós e os nossos vindouros saberemos estar à altura da situação. Em prol do espírito associativo, terminamos com uma frase de Montesquieu que simboliza, em nosso entender, o mesmo espírito associativo, além de ser também uma homenagem a um saudoso colega, Manuel Arnaldo dos Santos Carvalho, antigo Presidente da Direção Executiva da Região Norte da APIGRAF, que tinha esta frase como sua divisa particular: ‘Para fazer grandes coisas, não é necessário ser um grande génio, não é necessário estar acima dos homens; é necessário estar com eles’”²⁶.

Referências bibliográficas:

Espólio da APIGRAF – Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Embalagem e de Comunicação Digital
170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos, Lisboa, APIGRAF, 2023.
T&G – Revista da APIGRAF – Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Embalagem e de Comunicação Digital.



26 *170 Anos do Movimento Associativo dos Industriais Gráficos*, I Vol., APIGRAF, Lisboa, 2023, p. 9.

G

2025

A

CIPRINT

14 a 16 de janeiro
Madrid, Espanha

FESPA MEDIO ORIENTE

20 a 22 de janeiro
Dubai, EAU

PORTUGAL PRINT

20 a 22 de fevereiro
Lisboa, Portugal

01

EMPACK

9 e 10 de abril
Matosinhos, Portugal

FESPA GLOBAL PRINT EXPO

6 a 9 de maio
Berlim, Alemanha

FESPA BRASIL

17 a 20 de maio
São Paulo, Brasil

PRINT4ALL

27 a 30 de maio
Milão, Itália

02

03

ENCONTRO APIGRAF

20 a 25 de março
Açores, Portugal

04

05

LABELEXPO

16 a 19 de setembro
Bruxelas, Bélgica

PACK PRINT INTERNATIONAL

17 a 20 de setembro
Banguecoque, Tailândia

09

N

D

A



Sublime paper for showcasing art and beauty

INASET
Sublime Paper

Art is born of creative genius, but it needs a canvas to reveal itself. Made with *Eucalyptus globulus* fibres, which are thicker and shorter than other species, Inaset paper perfectly translates the artist's design. The paper's high whiteness guarantees contrast and vivid colour; the thickness and body provide resistance and flexibility for perfect performance. With the **Plus Offset**, **Plus Laser** and **Plus Digital** ranges, and a wide selection of weights and formats, Inaset premium paper offers the perfect solution for any challenge. Your art deserves a sublime paper.

INASET PLUS OFFSET
Sublime Paper

Available from 70 g.m⁻² to 350 g.m⁻²

INASET PLUS LASER
Sublime Paper

Available from 80 g.m⁻² to 300 g.m⁻²

INASET PLUS DIGITAL
Sublime Paper

Available from 80 g.m⁻² to 120 g.m⁻²

www.inaset-paper.com



First *Eucalyptus globulus*
paper in the World



PRODUCED
IN PORTUGAL BY
**THE NAVIGATOR
COMPANY**



“O SETOR DA EMBALAGEM VAI SEMPRE EXISTIR”

ENTREVISTA À TECNOGRAVURA,
ASSOCIADA NOS ÓRGÃOS SOCIAIS DA
APIGRAF DESDE A SUA CONSTITUIÇÃO

A T&G entrevistou Fernando Serôdio, Administrador da Tecnogravura - Gravuras Metálicas, S.A., a maior empresa de rotogravura em Portugal. Como se lê na ficha do Cadastro das Oficinas Tipográficas do Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, existente no espólio da APIGRAF, a Tecnogravura foi constituída em 14 de janeiro de 1960. Pertenceu, deste modo, a este Grémio e à APIGRAF desde a sua constituição, estando presente no primeiro elenco dos Órgãos Sociais da Delegação Regional do Porto da APIGRAF, constituído em 2 de julho de 1976. Representada por Fernando Serra Ribeiro, de 1976 a 2007, e por Fernando Serôdio, de 2008 até ao presente, a Tecnogravura é, assim, a única empresa a permanecer nos Órgãos Sociais da APIGRAF, desde que estes foram constituídos a Norte.

T&G: Como é que tudo começou? Como começou a longa história da Tecnogravura?

Fernando Serôdio: Começou tudo com o Sr. Fernando Serra Ribeiro, cujo pai era administrador de um jornal, *O Século*. Depois da Segunda Guerra Mundial enviou o filho, o Fernando Serra Ribeiro, para a Suíça para fazer um curso de rotogravura, porque já tinham máquinas de rotogravura para jornais. A ideia era ele aprender

tudo o que pudesse e voltar a Portugal com esse conhecimento. Mais tarde, nos anos 60, houve o convite para vir para o Porto. A Sociedade Portuguesa la Cellophane, uma empresa que imprimia com rotogravura, estava com dificuldades em receber cilindros de França e contactou o Fernando Serra Ribeiro através de um antigo colega dele da Suíça. Assim, veio para o Porto e fundou a Tecnogravura, em sociedade com a la Cellophane, 50%-50%. A primeira fábrica situava-se em Vila Nova de Gaia, na zona da Serra do Pilar, em frente ao quartel. Fazíamos os cilindros ali, com máquinas simples e muitas vezes de forma artesanal. Depois, mudámo-nos para um espaço maior, que já nos permitiu ter mais estrutura. Foi aí que as coisas começaram a crescer. Por volta de 1998-1999, lembro-me de termos começado a exportar. O primeiro cliente estrangeiro foi na Áustria, e ele era exigente. Tínhamos receio, mas quando o negócio correu bem, percebemos que podíamos competir lá fora. Desde então, a exportação tornou-se central.

T&G: Hoje ainda têm outras fábricas?

Tínhamos em Marrocos e na Hungria, mas hoje só temos na Hungria. Em França possuímos apenas uma representação comercial, mas na Hungria temos produção.

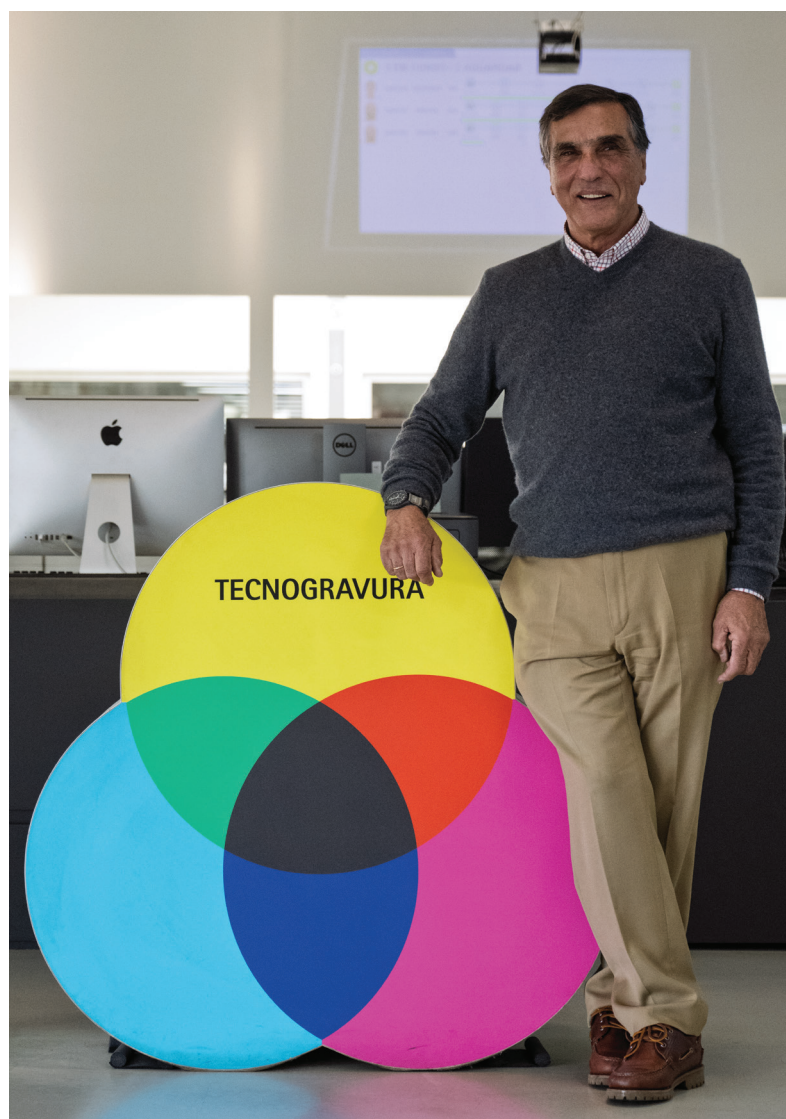


T&G: Como surgiu essa possibilidade de exportar?

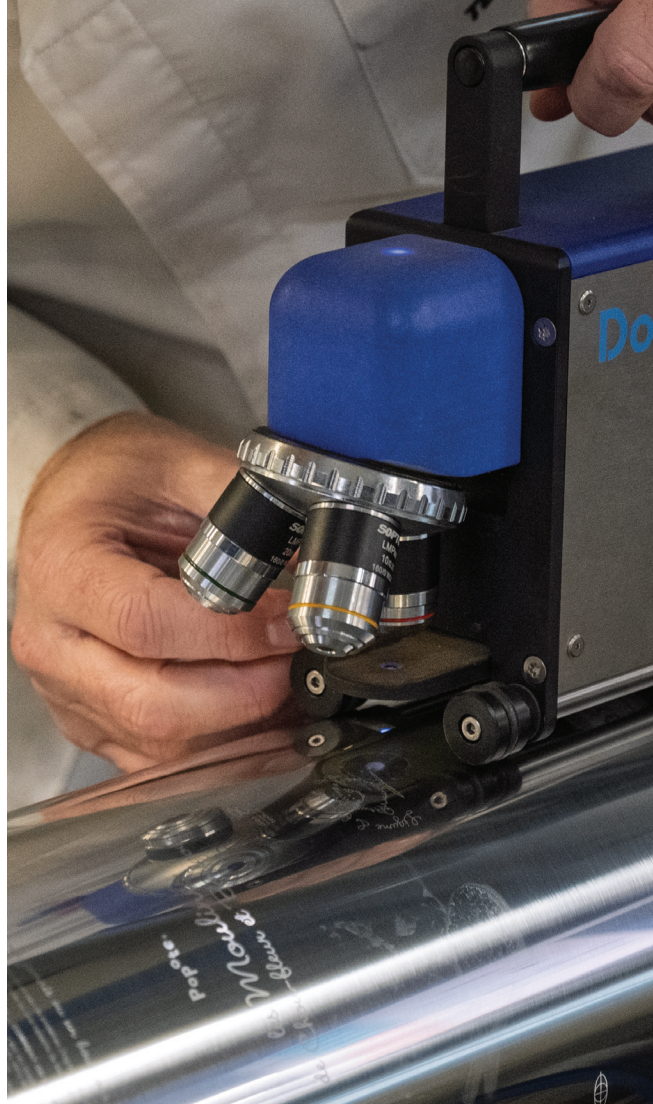
Olhe, foi um acaso. Estava a visitar um cliente na Áustria, um cliente com quem nos dávamos muito bem. Ele tinha comprado uma empresa daquelas verticais, da época soviética, chamada Kner. Fazia o material, imprimia, fazia flexogravura, rotogravura e offset, e ele comprou essa empresa. Mas era demasiado grande para ele e começou a separar a empresa para vender partes e, durante uma visita, ele disse: “Por que não ficam com a parte de rotogravura?” Telefonei ao Sr. Fernando Serra Ribeiro e decidimos ficar com essa parte. Foi assim que ficámos com a fábrica na Hungria.

T&G: E a fabrica que tinham em Marrocos?

Ah, isso foi uma história completamente diferente. Estávamos numa feira em Paris quando conhecemos um empresário marroquino. Ele tinha feito um grande investimento em rotogravura, mas com parceiros italianos que não deram conta do recado. A empresa estava a falhar tecnicamente e ele não sabia o que fazer. Lembro-me bem, ele veio ter connosco, desesperado, a perguntar se podíamos ajudá-lo. Depois de algumas reuniões, decidimos comprar a maioria da empresa e passámos lá quase 20 anos muito bem a gerir aquilo, em Casablanca. Foram anos muito bons, mas a COVID estragou tudo, foi o suficiente para atirar a empresa completamente de pantanas. Dois anos sem podermos ir lá, sem podermos enviar técnicos. Sempre que havia uma avaria parava tudo, e isso foi fatal. A empresa não conseguiu funcionar sozinha. No fim, tivemos de vendê-la a um empresário local, que ainda hoje tenta manter o negócio. Era difícil também por outras razões — a logística, por exemplo, enviar coisas para Marrocos, resolver problemas burocráticos...aquilo era sempre uma complicação



“Por exemplo, há discussões intermináveis sobre o tamanho do texto nas embalagens ou sobre o uso de cores nos rótulos — coisas que parecem pequenas, mas que travam toda a cadeia.”



T&G: Em termos percentuais, qual é a taxa de exportação da Tecnogravura?

Cerca de 65-70%. Os nossos clientes nacionais praticamente exportam a totalidade, trabalham muito para o mercado francês, alemão, holandês. Mas pronto, exportação de cilindros? Cerca de 65%

T&G: Neste momento só fazem cilindros?

Não, já temos outra coisa: Flexografia. Vimos a oportunidade de expandir e começar a oferecer aos nossos clientes rotogravura e também flexografia. Querem rotogravura fazemos cilindros de rotogravura, querem clichês, fazemos clichês. Decidimos que fazia sentido oferecer essa opção e adquirimos uma empresa que estava com dificuldades, em Lisboa, que se dedicava aos clichês eletrônicos, já digital. Depois, tivemos uma situação semelhante com uns parceiros espanhóis que enfrentavam dificuldades financeiras. Eles também tinham experiência em flexografia, mas numa área mais específica, com EPDM, uma borracha de alta qualidade. Resolvemos ficar com a parte deles também.

Essa transição não foi simples — lembro-me bem dos desafios de integrar as equipas e alinhar os processos. Centralizámos tudo no Porto, o que foi uma decisão estratégica importante. Hoje, conseguimos oferecer soluções completas aos clientes, com uma produção otimizada e adaptada às suas necessidades. O EPDM tem vantagens muito grandes pois além de poder ser usado em flexografia também pode ser usado em offset para aplicações de vernizes e pantones. Com alta definição. Portanto temos estas três ofertas para o cliente.

T&G: A Tecnogravura atravessou os últimos 50 anos juntamente com a APIGRAF. o que pode fazer a APIGRAF para ajudar ainda mais os associados?

Focar-se mais na formação e na desburocratização. Falta muita gente qualificada, e é cada vez mais difícil arranjar pessoas para trabalhar, especialmente numa indústria tão técnica como esta. Hoje temos de encontrar formas de capacitar as pessoas rapidamente. Implementámos sistemas baseados em vídeo para facilitar o treino prático e reduzir os tempos de aprendizagem.

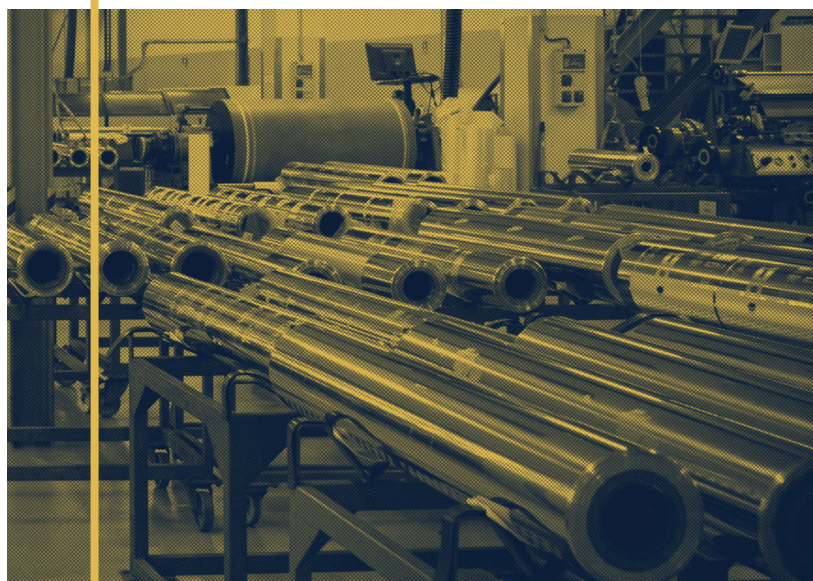
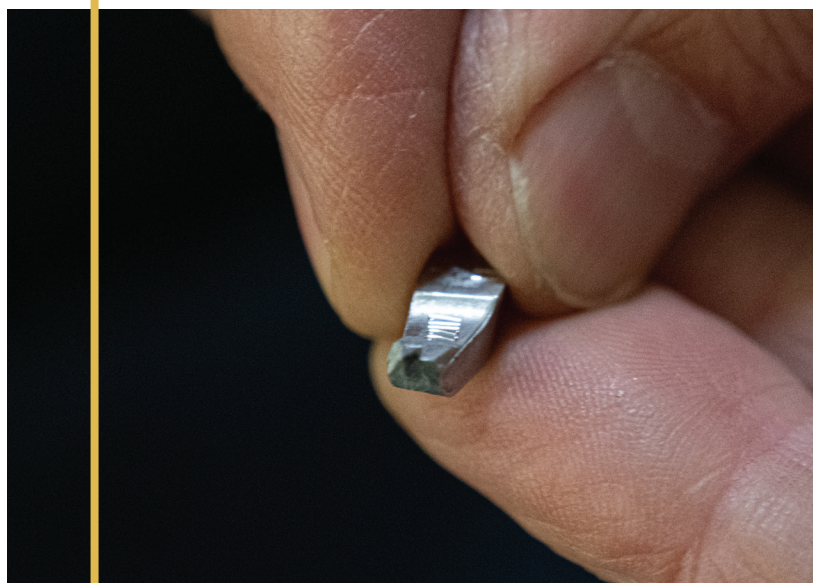
O grande desafio é encontrar gente disposta a trabalhar nesta área técnica. Antigamente, demorava-se meses a ensinar alguém a usar os equipamentos; hoje, a tecnologia ajuda. É preciso investir em redes de formação mais rápidas e eficazes.

T&G: E em relação às novas tecnologias a entrar na indústria, como a inteligência artificial?

São muito bem-vindas. Estamos a desenvolver sistemas que automatizam a produção, planeiam tudo com base em dados anteriores e reduzem erros humanos. O computador vai planejar tudo e ter mais eficiência. Claro, é preciso sempre alguma sensibilidade e formação para usar estas ferramentas corretamente, mas o processo tem de ser cada vez mais automático. Até o processo de passagem de dados para o computador tem de ser mais automático, para evitar erros. Já temos medidores a enviar medições de forma automática para evitar erros. Antigamente era precisa uma prática de seis meses para conseguir medir um cilindro corretamente, hoje é um aparelho que o faz. Corrige a temperatura e tudo, fica tudo direitinho. Mas ainda precisamos de sensibilidade técnica, se a pessoa não quiser saber, se pedir algo errado, o resultado é sempre mau. As máquinas são boas se forem bem aproveitadas.

T&G: Como vê o futuro da indústria?

Preocupante. Veja na Europa, veja tudo o que se está a passar. Tudo está parado, especialmente em mercados como o francês, onde qualquer mudança leva anos. Não se faz criações novas. Para nós o que nos interessa é que as embalagens tenham inovação, que tenham promoções, etc, que obriguem à produção de cilindros. Mas isso está tudo parado, por causa das regras, e andamos nisto. São muitas regras, muitas vezes contraditórias, e as empresas ficam sem saber como agir. Por exemplo, há discussões intermináveis sobre o tamanho do texto nas embalagens ou sobre o uso de cores nos rótulos — coisas que parecem pequenas, mas que travam toda a cadeia. Apesar disso, continuamos a investir. Acredito que o setor da embalagem vai sempre existir. As pessoas vão continuar a comer, a ir ao supermercado comprar embalagens, umas mais bonitas, outras mais feias, mas isso vai continuar.





Uma Solução **INFORMA**

• A força dos dados ao serviço do seu plano de marketing.

INFORMA lança uma nova forma de fazer Data Driven Marketing. Se precisar de mais informações, entre em contacto conosco e dizemos-lhe como pode melhorar o seu negócio.

Faça com que a informação trabalhe a seu favor



www.informadb.pt
808 29 30 29



HEAVY WEIGHTS FINE ARTS



Onde o papel vai ao encontro dos desafios de impressão mais artísticos e criativos.

Para além de uma gramagem mais alta, os papéis Inaset Heavy Weight – produzidos pela The Navigator Company – têm excelentes parâmetros ópticos e físicos. A sua brancura e brilho, bem como a sua rigidez e opacidade, permitem uma ampla gama de aplicações de impressão. Este é um mundo de possibilidades para ir ao encontro de toda e qualquer necessidade da indústria de artes gráficas.

Inaset Plus Offset / Inaset Plus Laser
De 135 gsm até 350 gsm

INASET
Sublime Paper



170 ANOS DEPOIS, A APIGRAF CONTINUA A SER CRUCIAL NA DEFESA DOS INTERESSES DA INDÚSTRIA GRÁFICA



O movimento associativo gráfico português, que remonta a 1852, representa um dos mais antigos exemplos de organização coletiva do setor a nível mundial. Esta é uma enorme honra que dignifica o sector e no âmbito da qual que desde 2022 a APIGRAF promoveu uma sequência de iniciativas culturais para celebrar a efeméride. A par da publicação do livro “170 Anos do Movimento Associativo Gráfico” também foi promovida a exposição “Impressões do Quotidiano”, inaugurada no Pavilhão de Exposições da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto para reforçar a visibilidade do setor ao evidenciar a omnipresença das soluções gráficas na vida contemporânea e o seu enorme peso histórico. Todas estas iniciativas concluíram num jantar de encerramento realizado em 5 de dezembro de 2024 no Hotel Intercontinental, em Lisboa.



A cerimónia reuniu personalidades influentes do tecido empresarial e político, tais como o Presidente da CIP, Armando Monteiro, ou o Presidente da AEP, Luís Miguel Ribeiro pois, como salientou o Presidente da APIGRAF, José Manuel Lopes de Castro, a celebração desta efeméride transcende o mero exercício de memória, constituindo um imperativo estratégico para projetar a continuidade do setor como algo determinante para o desenvolvimento socioeconómico e cultural do país.

As celebrações contaram com o Alto Patrocínio da Presidência da República, cujo reconhecimento formal reforça o papel estruturante da indústria gráfica na dis-

seminação do conhecimento e na promoção de uma cidadania informada. Por esta razão o jantar comemorativo começou com uma mensagem do Prof. Marcelo Rebelo de Sousa no qual destacou a permanência da relevância do setor gráfico na era digital. No texto, que foi lido em tempo real pela apresentadora Marta Grilo, o Presidente sublinhou que a materialidade da impressão continua a ter uma presença incontornável no quotidiano, desde as etiquetas e embalagens até aos dispositivos digitais que dependem de suportes gráficos, e que “por tudo isto o Presidente da República vos agradece em nome de Portugal e dos Portugueses”.



“O sector congrega mais de 2100 empresas que empregam mais de 23 mil colaboradores, contribuindo com um volume de negócios superior a 3,1 mil milhões de euros anuais...”





Durante a cerimónia, o Ministro dos Assuntos Parlamentares, Dr. Pedro Duarte, notou que “a história da humanidade se confunde, em certo sentido, com a história da impressão”, mas enfatizou a necessidade de uma contínua adaptação do setor às novas exigências tecnológicas e ambientais. Notando que as novas tecnologias são uma “janela de oportunidade” para aqueles que “souberem olhar para o futuro com confiança, com ambição e com a capacidade de inovar” destacando também o contributo fundamental da indústria gráfica para a preservação e disseminação do património intelectual, cultural e científico. “É uma atividade que está na base de toda a nossa vida coletiva” sublinhou o Ministro destacando o papel do setor na criação de emprego qualificado e no desenvolvimento de novas competências, fatores essenciais para a sustentabilidade do crescimento económico. O sector congrega mais de 2100 empresas que empregam mais de 23 mil colaboradores, contribuindo com um volume de negócios superior a 3,1 mil milhões de euros anuais, um facto aludido pelo Dr. Pedro Duarte reflectindo sobre a importância do setor para a economia nacional.



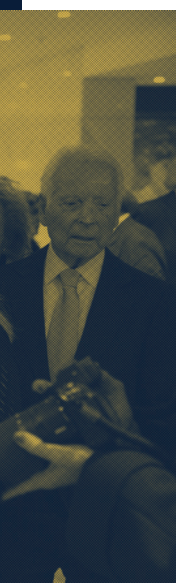


Seguidamente, a autora da obra “170 Anos do Movimento Associativo Gráfico, Dra. Cláudia Figueiredo, investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa explicou aos presentes os objetivos deste exaustivo trabalho de investigação e aquilo que ele concretizou. A autora admitiu que “quando me apresentaram o projeto, a minha primeira reação foi recusar” pois “eram 17 décadas, de 1852 a 2022, de investigação arquivística, o que implicava uma pesquisa profunda num relativo curto espaço de tempo”, mas que valeu a pena por o esforço se ter resumido num “exercício intelectual interessante” devido a “poder condensar tanto tempo numa lógica de longa duração.”





Composta por dois volumes, a obra documenta de forma rigorosa a evolução do setor desde a tipografia tradicional até à incorporação de tecnologias de ponta, incluindo a inteligência artificial e os processos digitais avançados, que redefinem continuamente os paradigmas da produção gráfica. A investigação destaca não apenas as inovações técnicas, mas também o impacto cultural e social da indústria gráfica, realçando o seu papel como mediadora entre a tradição e a modernidade. "Enquanto obra, estes dois volumes deixam clara a vitalidade de um setor que representa 4% da indústria transformadora nacional" sublinhou a autora, notando que "a Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas de Embalagem e Comunicação Digital é uma organização associativa forte e pujante, como o próprio setor, liderada por uma direção vigorosa, consciente do seu passado e conhecedora das suas raízes."





Na sua intervenção de encerramento, José Manuel Lopes de Castro, Presidente da Apigraf, articulou uma visão estruturada em torno de três vetores essenciais: a onipresença do setor na vida quotidiana, a sustentabilidade como imperativo ético e económico e a valorização da materialidade dos produtos gráficos, que proporcionam uma experiência sensorial inigualável. Sublinhou ainda o compromisso do setor com práticas ambientais responsáveis, reiterando que a sustentabilidade é uma realidade consolidada na indústria gráfica, embora o desafio resida na demonstração efetiva dessa responsabilidade junto dos consumidores e parceiros de mercado. Lopes de Castro identificou a sua crença no associativismo como estando baseado na “comunidade, eficiência e confiança” pois “a colaboração é uma das mais eficientes formas de atingirmos objetivos comuns de outra forma virtualmente inalcançáveis”.

O desfecho das comemorações deixou transparecer um sentimento de orgulho e otimismo partilhado por todos os presentes, reiterando a relevância da trajetória histórica do movimento associativo gráfico e a sua projeção para as próximas décadas.

“Encerramos hoje as comemorações dos 170 anos de associativismo na indústria gráfica, e fazemo-lo com “chave de ouro”, na companhia de um conjunto de pessoas que sabem, cada uma, o que as liga à nossa indústria” sublinhou o Presidente da Apigraf, afirmando a convicção de que a APIGRAF continuará a desempenhar um papel agregador, promovendo a competitividade e impulsionando a modernização contínua do setor.

SisTrade[®]

software solutions | sistrade.com



MIS/MES Software Gestão Empresarial

para a indústria de impressão gráfica,
embalagens, embalagens flexíveis & etiquetas

Como aumentar a produtividade da sua empresa?

A SISTRADE disponibiliza soluções de gestão integrada da próxima geração que permitem gerar informação apropriada para a rápida tomada de decisão, levando a um incremento da produtividade, encontrando-se já perfeitamente alinhada com os pilares da **Indústria 4.0**.

Esta solução tecnológica oferece à **indústria de impressão gráfica** funcionalidades de orçamentação, gestão de encomendas, compras, stocks, planeamento e gestão da produção, contabilidade, recursos humanos, entre outras.



**Monitorização
em tempo real**



**Otimização de
Processos**



**Gestão de
Clientes**



**Análise para
o Futuro**

Contacte-nos para uma demonstração personalizada do nosso ERP/MIS/MES software. Eleve o seu negócio com o nosso software avançado.

 sistrade.com

 inov@sistrade.com

CONHEÇA O NOSSO SOFTWARE



“O ASSOCIATIVISMO É DE UMA UTILIDADE ENORME”

No âmbito dos 50 anos da APIGRAF, entrevistámos João Calheiros, fundador da Calheiros Embalagens, S.A., e membro dos Órgãos Sociais da Delegação Norte do Porto da APIGRAF desde a sua constituição, em 1976, primeiro como Secretário da Direção Regional e, posteriormente, de 1978 a 2004, como Secretário da Mesa da Assembleia Geral e, de 2005 até ao presente, na qualidade de Presidente da mesma Mesa.

T&G: Do que se recorda do tempo histórico da Constituição da APIGRAF?

Nós éramos uma sociedade que vinha do Grémio... havia o Albino Rafael que fez essa transição do Grémio para a Associação. Lembro-me do Lívio Rocha... e depois, claro, do Alfredo Borges, que foi Presidente do Grémio. Lembro-me do encontro no Teatro Monumental, em maio de 1974, e, no ano seguinte, de uma célebre negociação, em que ficou toda a gente presa, menos eu. Mas não porque tenha fugido. O que aconteceu foi que a minha empresa, então na Rua da Alegria, estava a ser tomada pelo pessoal! Um funcionário meu ligou-me e disse: “Sr. Calheiros, logo às 6 horas esta casa, a sua casa vai ser tomada.” E eu perguntei: “Tomada como? Como é que sabe isso?” Ele respondeu: “Olhe, os fulanos tantos e tantos estão-se a preparar para que a partir de agora o senhor não entre”.

T&G: E depois faziam uma cooperativa, como era moda na época...

Naquela altura tomava-se conta das empresas, e naturalmente que depois eles destruíam as empresas e entregavam-nas já falidas. Então, disse ao meu amigo, que era meu funcionário, mas muito dedicado à empresa: “eu vou tentar ir para aí”. Fui a correr para casa e agora vem a parte...agressiva, porque eles sabiam quem eu era! Comigo não se brincava!

Meti-me no meu carrinho e fui para a empresa. Não entrei. Pus-me à porta, e esperei pela hora da saída, a olhar pelo retrovisor para ver quem entrava ou saía. Passado um bocado todo o pessoal começou a sair...porque eles sabiam que comigo não iam brincar. Uma coisa é certa...roubar uma coisa que me tinha custado muito?! Não, isso era impossível.

T&G: Então, e por causa deste acontecimento faltou à reunião onde ficaram presos os outros associados?

Sim, por causa disso falei à reunião, onde eu nunca faltava, estava sempre. Mas era sempre difícil, os comunistas, a inter-sindical...nunca havia nada para negociar, porque eles não queriam negociar, só destruir! Era a função deles, destruir! Nessa altura, nunca assinaram um contrato. Também por essa altura, já o Américo Barbosa tinha sido corrido da casa

“Aquilo a seguir ao 25 de Abril foi tremendo, nós nunca sabíamos com quem podíamos contar...”

dele, que ele criou com tanto sacrifício, e de um momento para o outro foi impedido de entrar na sua própria casa. O resultado foi sempre o mesmo, a empresa começou a cair e aqueles miseráveis deram de debandada e só assim é que o Américo Barbosa voltou a entrar na sua casa. Aquilo a seguir ao 25 de Abril foi tremendo, nós nunca sabíamos com quem podíamos contar porque dentro das nossas casas tínhamos sempre as pessoas que nos denunciavam por tudo e por nada.

T&G: E nessa altura a Calheiros era uma tipografia tradicional. Como é que nasceu a empresa?

Comecei em 1968. Éramos oito pessoas e tínhamos um espaço à volta de 240 metros quadrados na Rua da Alegria. Cresci bastante em tipografia ao ponto de poder entrar no offset, mas para entrar no offset era complicado por causa do condicionamento industrial. O Grémio Nacional de Industriais de Litografia e Rotogravura não nos deixava comprar máquinas offset. Tínhamos de pedir autorização ao Grémio. Lembro-me do Alfredo Borges, que comprou uma máquina offset e ficou com ela parada durante um ano porque não lhe autorizaram usá-la. Lá conseguiu pôr a máquina a trabalhar, mas esteve um ano, como disse, sem a máquina produzir. Era tudo dominado pelos grandes, e nós, que ainda éramos pequeninos, não nos podíamos mexer, não podíamos sair daquilo.





Mas quando houve uma abertura consegui entrar no offset, e aí arranjei um armazém maior de 1.000 metros quadrados e comecei a trabalhar com offset. Primeiro era só offset comercial, mas depois expandimos. Na Rua da Alegria já fazíamos embalagens, mas com cartolina. Quando me mudei para aqui arranjei um colaborador que estava muito metido no cartão canelado e veio em boa altura, quando admiti esse senhor comprei uma máquina de contracolar manual...veja lá, manual! E foi assim que comecei. A partir daí foi sempre a crescer. Hoje temos várias e excelentes máquinas de contracolar, que atualizei com impressão em bobina. Agora faço a impressão em bobina e entra na contracolagem em bobina. É uma mais-valia enorme porque não há estragos, não há perda de papel, podemos trabalhar com papeis mais finos...é a tecnologia a ajudar-nos a crescer. Não é só crescer em tamanho, mas também em eficiência.

T&G: Mas apesar de tanta atividade empresarial, nunca abandonou os órgãos sociais da APIGRAF...

Sim, sempre estive presente. Sempre gostei daquela gente. Era uma grande escola. Contactarmos com colegas, trocar ideias... aprendia-se muito. Tive bons amigos na APIGRAF, como o Alfredo Borges...eles eram concorrentes, mas eram

homens de uma dignidade extrema. Eles sabiam que eu era concorrente, mas eles próprios muitas vezes ajudavam-me a executar trabalhos que eram dos clientes deles.

T&G: Pode partilhar algum momento marcante que se lembre das assembleias gerais ou eventos da APIGRAF?

Lembro-me de algumas coisas. Na rua Mouzinho da Silveira, logo a seguir ao 25 de Abril fizemos uma grande reunião... não cabia literalmente ninguém lá dentro. A seguir ao 25 de Abril andávamos todos perdidos, com os preços, com a aflição fazíamos coisas do arco da velha e queríamos organizar-nos, trocar ideias. O Dr. Melo Heitor, o primeiro secretário-geral da associação, estava a ensinar-nos como se devia fazer um orçamento dentro da ótica dele e recorde-me que estavam dois indivíduos atrás que me conheciam e disseram que aquilo era "para nos enganar", que se eles assim fizessem aquilo, o outro depois fazia mais barato! Veja bem a mentalidade instalada na altura, a desconfiança!

Essas recordações levam-nos a crescer na vida. O certo é que o Dr. Melo Heitor partilhava a ótica dele, e explicava-a muito bem — mesmo que nem sempre a aceitasse, pois tinha outra formação — e é essa troca de ideias que me recorde, algo que

“Quando converso com eles, por exemplo para fazer compras de máquinas, já penso no tempo de existência que essas máquinas poderão ter...para eles.”

pela vida fora nos faz crescer. Depois lembro-me bem dos jantares, dos almoços, dos eventos onde trocávamos ideias e impressões, e vamos recolhendo essas informações e depois fazemos a nossa análise.

T&G: Ou seja, a grande importância de associações como a APIGRAF é poderem trocar ideias, impressões, obterem informações...

Sim. E é pena a maior parte de as pessoas estarem fugidas deste ambiente, desta realidade do associativismo. Só pensam na quota que vão pagar e esquecem-se que um dia vão precisar de alguma coisa e depois só quando o fogo nos está a chegar perto é que chamamos os bombeiros. O associativismo é de uma utilidade enorme, e há muita gente que está por fora e não quer aprender, julga que isto é para a frente e de qualquer forma, que se pode trabalhar à balda, sem saber sequer debitar os custos. Depois mais dia, menos dia, fecham as portas...ficam sem dinheiro para pagar ao pessoal, acabam por fechar.

Eu acompanhei de perto a APIGRAF e raramente falto a uma Assembleia Geral. Acho que sou o elemento mais antigo ainda vivo...

T&G: E perspectivas para o futuro da Calheiros?

Sempre as mesmas, continuar a acompanhar o mercado. Estou a preparar os meus filhos e netos, já não penso no meu tempo, mas no deles. Quando converso com eles, por exemplo para fazer compras de máquinas, já penso no tempo de existência que essas máquinas poderão ter....para eles.

Temos de ser cautelosos, com a mesma dignidade e saber respeitar o nosso semelhante. É para isso que cá estou, até ao fim da minha vida. Quer sejam colegas, querem sejam colaboradores...quanto a colaboradores olho por eles e procuramos que no fim do ano toda a gente leve um dinheiro para casa, fora aquilo que é de lei. É esse o espírito que procuro incutir nos meus seguidores, o meu filho e agora a minha neta. Todos temos muitas histórias para contar e, conforme os anos...ainda mais histórias há para contar.



É PORTUGUESA E É SUSTENTÁVEL.



73 anos a abraçar projetos com o mesmo Compromisso, Parceria, Qualidade, Know-how, Inovação e Paixão do primeiro dia.

Todos temos um Papel. O seu é Firmo.
Juntos produzimos o Futuro!



“金襴手”瓷器的名称来源于日语,其原意为金色的织物,是中国瓷器中最为罕见也是最为精美的品类之一。这类瓷器以在单色釉地,特别是矾红地上施以炫丽的金彩为其典型特征。

Kinrande Porcelain Dressed in Gold
Edição Jorge Weish Works of Art DESIGN Panorama

Kinrande
Porcelain
Dressed
in Gold

PAPIES 2024

APIGRAF HOMENAGEADA EM CELEBRAÇÃO DA EXCELÊNCIA NA INDÚSTRIA GRÁFICA PORTUGUESA



A 33.ª Gala dos Prémios Papiés, realizada a 15 de novembro de 2024 no Casino Espinho, foi uma noite de celebração e reconhecimento para a indústria gráfica portuguesa, destacando a inovação, talento e qualidade técnica que definem este setor em evolução.

A Apigraf este ano teve um papel central na gala. A associação, que tem trabalhado de forma incansável na defesa e promoção do setor gráfico, foi reconhecida pelo seu contributo para o desenvolvimento da indústria tanto de forma directa como através do trabalho dos seus associados. Um dos momentos mais marcantes foi a atribuição do prémio Excelência Gráfica do Ano à obra "170 Anos do Movimento Associativo dos Profissionais Gráficos", uma publicação que narra a história do associativismo gráfico em Portugal desde o século XIX até aos dias de hoje.

A obra premiada, editada pela Apigraf, preserva a memória coletiva do setor gráfico nacional, destacando o valor

histórico das associações e das empresas que moldaram a indústria. Durante a gala, Lopes de Castro, Presidente da Apigraf, subiu ao palco acompanhado por Jaime Siopa, José Martins, José Paiva, Sérgio Albuquerque e Bruno Moluras para receber o prémio. No seu discurso, Lopes de Castro reforçou a importância de dar visibilidade à indústria gráfica, sublinhando que esta publicação reflete a resiliência do setor. "A nossa indústria tem uma história que merece ser contada e preservada, não só para inspirar as gerações futuras, mas também para reforçar a nossa posição na economia portuguesa", afirmou.

Os associados da Apigraf foram premiados em várias categorias, com destaque para a Nova Gráfica, que recebeu o prémio de Projeto Gráfico do Ano pela obra "A Açorianidade no Tempo". Esta obra incomparável, com 25 mil páginas e um peso de 170 kg, é um feito raro na indústria gráfica, refletindo o compromisso dos associados da Apigraf com a precisão e a capacidade de enfrentar desafios técnicos.

set | dez | 24



Outro dos associados em destaque foi a Cartonagem Trindade, que recebeu o prémio de Empresa do Ano. Este reconhecimento foi atribuído pelo contributo da empresa para o crescimento do setor. Augusto Soares, fundador da Soartes, foi distinguido com o prémio de Personalidade Gráfica do Ano, um reconhecimento pelo seu percurso no setor.

Augusto Monteiro, fundador da Grafofel, foi também homenageado com o prémio Mérito & Honra. Aos 97 anos, Monteiro recordou tanto as dificuldades com as vitórias da sua trajetória. "Foi uma vida de luta e sacrifício, mas que valeu a pena. Julgo que deixo a minha marca neste setor", afirmou ao receber o prémio.

A gala, conduzida por Jorge Gabriel e Inês Gonçalves, premiou mais de 20 categorias, abrangendo diversas áreas da indústria, desde impressão e acabamentos até design têxtil, personalização e embalagens. Os projetos premiados foram elogiados pela sua capacidade de integrar técnicas inovadoras com preocupações de sustentabilidade, refletindo o compromisso do setor com práticas responsáveis.

A 33.ª Gala dos Prémios Papies definiu-se, assim, uma celebração da indústria gráfica e um tributo à capacidade de adaptação e excelência das empresas e profissionais do setor. A Apigraf, com a sua presença e distinções atribuídas aos seus associados, reafirmou o papel da indústria gráfica portuguesa como um motor de crescimento e inovação, consolidando-se como um pilar essencial para o futuro de Portugal.

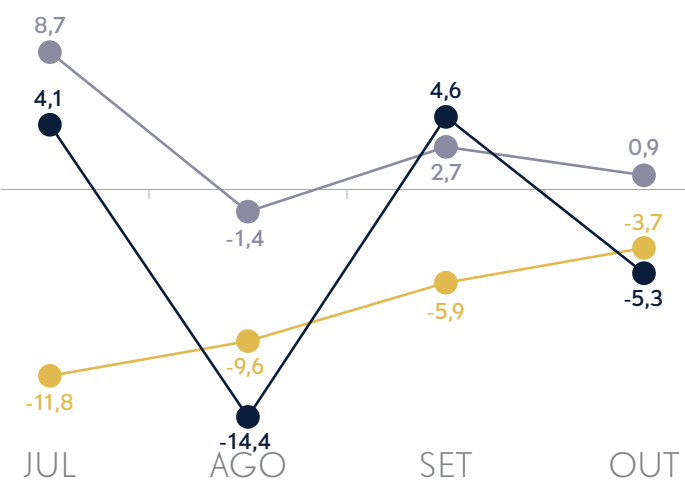
42 | 43



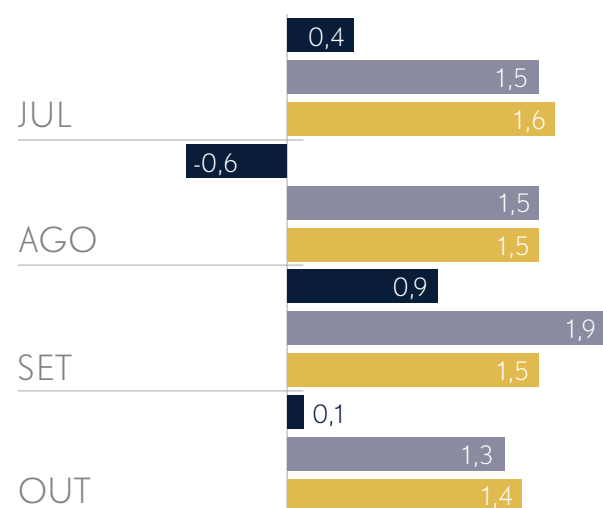
OUTUBRO POSITIVO

CAE 17 – Fab. de pasta, de papel, de cartão e seus artigos

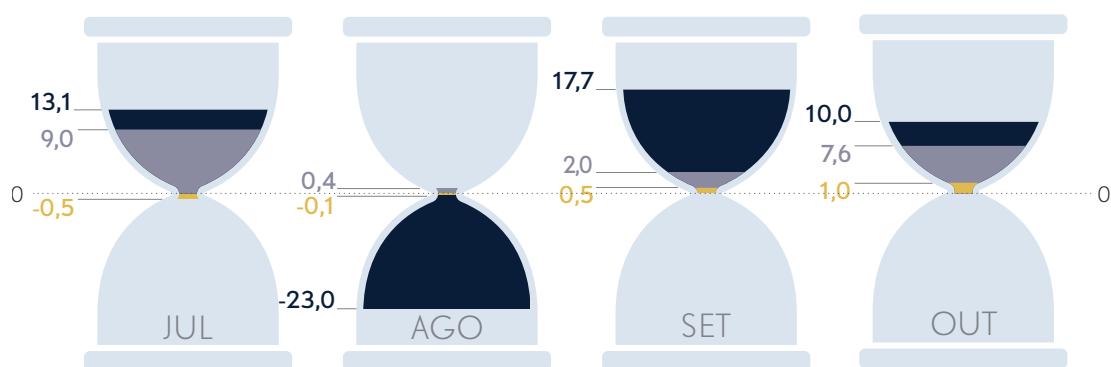
ÍNDICES DE VOLUME DE NEGÓCIOS NA INDÚSTRIA



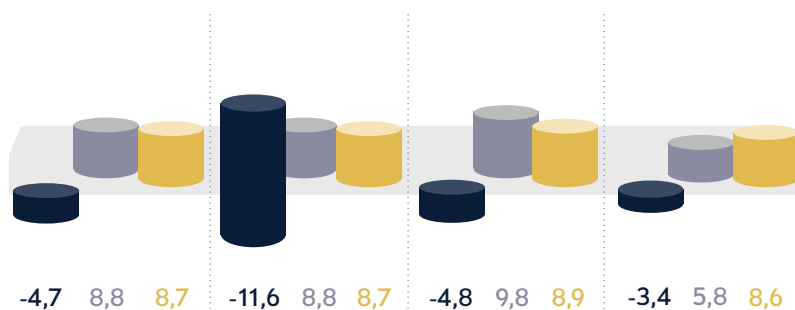
ÍNDICES DE EMPREGO NA INDÚSTRIA



ÍNDICES DE HORAS TRABALHADAS NA INDÚSTRIA

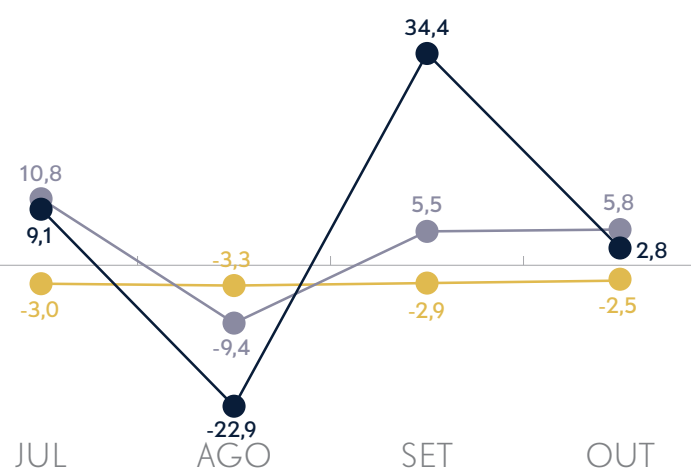


ÍNDICES DE REMUNERAÇÕES NA INDÚSTRIA

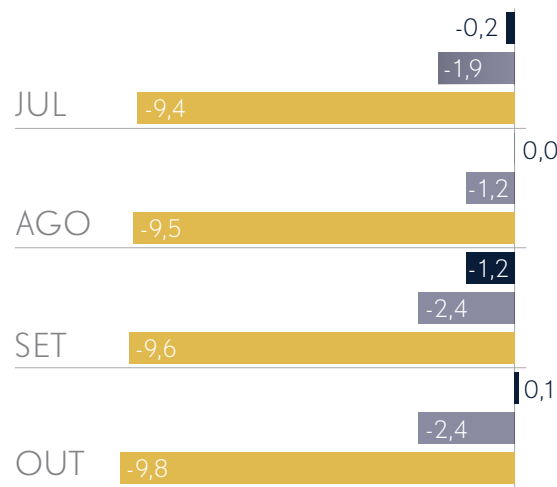


CAE 18 – Impressão e reprodução de suportes gravados

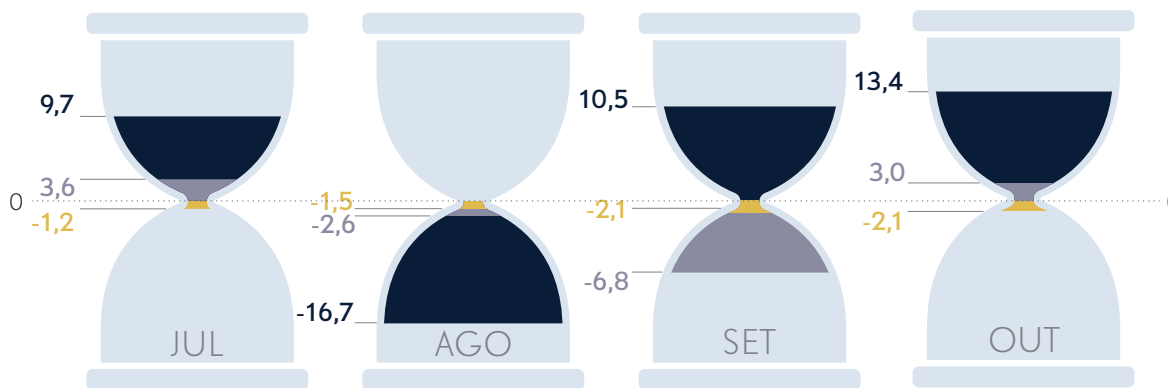
ÍNDICES DE VOLUME DE NEGÓCIOS NA INDÚSTRIA



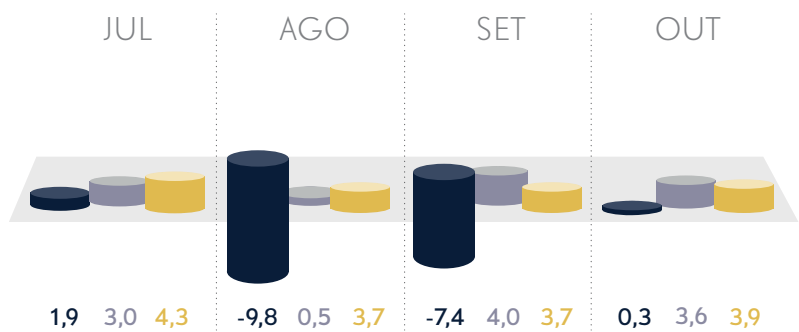
ÍNDICES DE EMPREGO NA INDÚSTRIA



ÍNDICES DE HORAS TRABALHADAS NA INDÚSTRIA



ÍNDICES DE REMUNERAÇÕES NA INDÚSTRIA



● Var. Mensal ● Var. Homóloga ● Var. últimos 12 meses

FONTE: INE
CAE 17 (Rev. 3) - Fabricação de pasta, de papel, de cartão e seus artigos
CAE 18 (Rev. 3) - Impressão e Reprodução de Suportes Gravados
* Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior

NOTA:
As variações apresentadas para os Índices de Volume de Negócios, Emprego, Horas Trabalhadas e Remunerações Brutas do último mês são provisórias e as dos dois últimos retificadas.

PORTUGAL PRINT

PACKAGING & LABELING

20·22 FEV·2025

FIL · Feira International de Lisboa

JÁ ESTAMOS À SUA ESPERA!

BONS PARCEIROS. BONS NEGÓCIOS.

geral@profair.pt · www.portugalprint.com



A FEIRA DE REFERÊNCIA DO SEU SECTOR

ENTIDADES GESTORAS: OUTRA VEZ?



Teresa Borba

Departamento Jurídico
teresa.borba@apigraf.pt

“Recebi da APIGRAF uma informação referindo que tenho que ter contrato com uma entidade gestora desde 1 de janeiro de 2025; mas não foram as entidades gestoras que há uns anos disseram à minha empresa que tinham que terminar o contrato connosco porque a licença não lhes permitia mantê-lo?”

A resposta é sim, são de facto as mesmas entidades. O que se passa então?

Não usaremos neste artigo referências ou detalhes legais nem grande rigor terminológico, a fim de, na pouca extensão do mesmo, tentarmos transmitir duas ideias centrais: de que embalagens estamos a falar e o que é necessário fazer desde já.

As empresas gráficas ocupam nesta legislação um papel curioso, porquanto são elas próprias, frequentemente, fabricantes de embalagens, o que complica a explicação. Tomemos como exemplo uma empresa gráfica A que produz, para um seu cliente B, uma fábrica de bolos, embalagens para os bolos. A empresa gráfica A produz estas embalagens para bolos na quantidade e com as características solicitadas pelo cliente B, e envia-as para este dentro de caixas de cartão e/ou envolvidas em película plástica (e se se justificar coloca tudo isto em cima de uma palete). Para a empresa gráfica A estas embalagens para bolos são produto (são embalagens, mas poderiam ser folhetos ou livros: na perspectiva da empresa gráfica A, são produtos). São as caixas de cartão e/ou película e eventualmente a palete que interessam para o tema das entidades gestoras, ou seja aquelas embalagens que a empresa gráfica A utiliza para embalar o seu produto e enviá-lo para o seu cliente B.

Acrescentemos aqui uma complexidade. Este cliente B, como se referiu, é uma fábrica de bolos. E nessa fábrica tem uma loja, na qual vende bolos a clientes consumidores diretos, que se acercam do balcão e escolhem, por exemplo, 6 bolos; o operador desta loja monta na altura uma caixa para bolos, coloca lá dentro os 6 bolos, fecha-a e entrega-a ao consumidor. Esta embalagem, que é enchida no ponto de venda, diz-se “embalagem de serviço”. Note-se que fisicamente a embalagem que está na loja é igual às

que são utilizadas na fábrica, exactamente igual: a diferença está em ser enchida no ponto de venda, é isso que faz dela uma “embalagem de serviço”. A razão pela qual a referimos aqui prende-se com o facto de também ela ser responsabilidade da empresa gráfica A, e não do seu cliente B, no âmbito do tema em análise.

A empresa gráfica A tem então, desde 1 de janeiro de 2025, que estar vinculada a uma entidade gestora (Sociedade Ponto Verde, Novo Verde ou Electrão) para a gestão do que, como embaladora, coloca no mercado, bem como para a gestão das referidas “embalagens de serviço” (e, na legislação em vigor, também determinados copos, mas pela especificidade não analisaremos aqui esse caso). Para tal, deve solicitar a uma ou mais das três entidades gestoras referidas as condições de adesão e optar por uma, à qual se vinculará; se já estiver vinculada a uma delas, poderá optar pelo eventual alargamento do contrato que tem à embalagem industrial.

Ou seja: à excepção das embalagens de serviço, não estamos a falar das embalagens que a empresa fabrica (que para si são produto), mas daquelas em que embala os seus produtos para os clientes.

E ao falarmos de entidades gestoras também não estamos a falar de gestores de resíduos. As entidades gestoras para a área de embalagens são as três referidas acima, e o que a empresa gráfica lhes declara são as “suas” embalagens (mais as “de serviço”); os gestores de resíduos são aquelas empresas que vêm à gráfica A fazer a recolha dos resíduos (de embalagens e outros) gerados na empresa (podem ser aparas de papel, líquidos, trapos contaminados, embalagens de solvente, película plástica que embalava matéria prima, etc.). No preenchimento do Siliamb, o que é declarado às entidades gestoras vai para os formulários dos “Fluxos”; o que é recolhido pelos gestores de resíduos, com uma guia de acompanhamento, vai para os “MIRR”.

Esta é apenas uma das muitíssimas questões que a legislação levanta, mas é de facto uma questão central para evitar contra-ordenações e coimas. Como habitualmente, a APIGRAF está ao dispor para quaisquer esclarecimentos neste ou noutros temas.



PENSAR
DIFERENTE.
CREAR
SIN LÍMITES.

#9



MAKE IT HAPPEN.*



DISEÑO
PERSONALIZACIÓN
PRODUCCIÓN

14.15.16
ENERO 2025
IFEMA MADRID

SALÓN REFERENTE
DE IMPRESIÓN,
COMUNICACIÓN VISUAL
Y PERSONALIZACIÓN

TU ACREDITACIÓN
CON EL CÓDIGO
P-APIGCPM25
www.salon-cprint.es



UN EVENTO



infoprodigital
TRADE SHOWS

*Has que suceda. © Deposit Photos

O NOSSO
Sucesso

RESULTA DA ESSÊNCIA DA NOSSA
dedicação

DO TAMANHO DA NOSSA
eficiência

E DO SENTIMENTO QUE COLOCAMOS EM CADA

**ACABA
MENTO**

UV...

Envernizamento Ultravioleta, S.A

UVPLAST
acabamentos gráficos Unip, Lda